

“Além disso, o seguinte: sou negra e mulher. Isso não significa que eu sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração. Escreve isso aí, esse é o meu recado pra mulher preta brasileira. Na boa”.

Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez

o feminismo negro no palco da história



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura





PROJETO MEMÓRIA

Lélia Gonzalez

Carlos Drummond de Andrade

Rondon

João Cândido

Nísia Floresta

Paulo Freire

Josué de Castro

Oswaldo Cruz

Juscelino Kubitschek

Brasil 500 anos

Rui Barbosa

Monteiro Lobato

Castro Alves

Como se vê, criado em 1997, o Projeto Memória tem a missão de resgatar, difundir e preservar a memória cultural do País por meio de homenagens a personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Sendo uma iniciativa da Fundação Banco do Brasil, desde 2004, o projeto conta com a parceria da Petrobras e, nesta edição, tem também como parceira a Rede.

O projeto oferece suporte a professores, pesquisadores e estudantes de todo o Brasil, por meio de peças desenvolvidas para contar a história de Lélia. São elas: a exposição, que percorre cerca de 800 municípios; o material pedagógico, que será distribuído junto com o videodocumentário para aproximadamente 18 mil escolas públicas de ensino fundamental; o livro fotobiográfico, que é entregue com o vídeo para mais de 5 mil bibliotecas públicas; e o sítio na internet, que, além de contar a história de Lélia, disponibiliza, para serem baixadas, todas as peças citadas. Visite-o no endereço:

www.fundacaobancodobrasil.org.br.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Presidente
Jorge Alfredo Streit

Diretor Executivo de Desenvolvimento Social
Éder Marcelo de Melo

Diretor Executivo de Gestão de Pessoas, Controladoria e Logística
Dênis Corrêa

Gerente de Educação e Cultura
Germana

Assessoria técnica
Agostinho

REDE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - REDEH

Coordenadora Geral
Thais Rodrigues Corral

Coordenadora Executiva
Schuma Schumacher

Conselho Consultivo
Alessandro Botsaris, Eduardo José Viola, Beth Vargas, Helena Teodoro, Lucia Xavier, Maristela Bezerra Bernardo, Moema Wiezzer

PETROBRAS

Presidente
Maria das Graças Silva Foster

Diretor de Comunicação
Wilson Santarosa

Gerente de Patrocínio
Eliane Costa

Gerente de Patrocínio Cultural
Tais Wohlmuth Reis

ABRAVIDEO - PRODUTORA CULTURAL

Presidente
Gilberto Medina

Diretora Financeira
Elizabeth Braga

Secretário
Adelson Carvalho

Exposição
Coordenação Geral
Schuma Schumacher

Coordenação de Produção
Elizabeth Braga

Supervisão de Produção
Ruy Godinho

Equipe de Pesquisa
Antonia Ceva
Melina Marques
Rosana Silva Chagas
Schuma Schumacher

Pesquisa Iconográfica
Antonia Ceva
Elizabeth Braga
Schuma Schumacher

Texto
Antonia Ceva
Paulo Correa Barbosa
Schuma Schumacher

Consultor para Projeto Cultural
Stanley Whibbe

Assistente Financeira
Andréa Medina
Katia Clara Costa

Imagens de Arquivo
Acervo Lélia Gonzalez/Pai Jair D'Ogum
Arquivo Nacional
Arquivo Público Mineiro
CUT/RJ
Folha de S. Paulo
Fundação Getulio Vargas
Getty

Instituto de Estudos Brasileiro - USP
Instituto Moreira Sales
Januário Garcia
Jornal do Brasil
Museu da Imagem e do Som - RJ
O Globo
Rede de Desenvolvimento Humano - REDEH

Digitalização e Tratamento de Imagens
Trío Studio

Revisão de Texto
Artur Roman

Projeto Gráfico e Identidade Visual
Ruth Freihof - Passaredo Design

Assistente de Projeto Gráfico
Phil ValleR

Imagem banner externo:
Lélia Gonzalez | Acervo JG/ Foto Januário Garcia

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura





3 DE UM BELO HORIZONTE PARA UMA CIDADE MARAVILHOSA..



Vista aérea de Belo Horizonte, MG, década de 1930 |
Arquivo Público Mineiro



Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, RJ, década de 1940 |
Fundação Getúlio Vargas - CPDOC

Lélia de Almeida, nome de batismo, nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Filha de Acácio Joaquim de Almeida, negro e funcionário da rede ferroviária, e de Urcinda Seraphina de Almeida, de origem indígena e analfabeta, foi a décima sétima filha de um total de dezoito irmãos/ãs.

O jardim de infância, iniciado em Belo Horizonte, foi custeado por uma família italiana amiga da família Almeida. Seus/suas irmãos/ãs mais velhos/as, que já trabalhavam, também contribuíram para que estudasse.

Em 1942, a família muda-se para o Rio de Janeiro, graças ao talento do irmão Jaime de Almeida contratado pelo Clube de Regatas do Flamengo. Na Cidade Maravilhosa, foram viver no bairro do Leblon. Seu Acácio faleceu assim que chegaram.

“Me recordo que cada irmã me dava uma coisinha (...) uma meinha, um sapatinho, outra fazia o uniforme (...). Estudei com muita dificuldade. Os livros eram emprestados pelas/os colegas (...) Ia estudar na casa das/os colegas, até chegar na universidade”.

Lélia Gonzalez



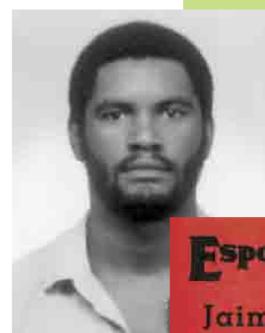
Retratos de Lélia. Em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1961 | Acervo Lélia Gonzalez



Dora, Lélia e Rubens 03-04-84
| Acervo Lélia Gonzalez

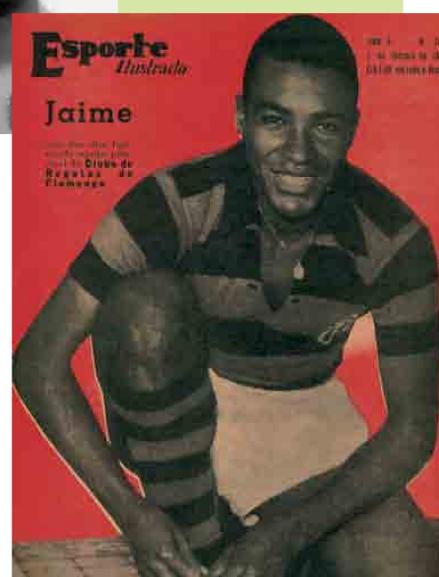


Retratos de Lélia. Em Belo Horizonte, matando as saudades da terra natal, em 1956 | Acervo Lélia Gonzalez

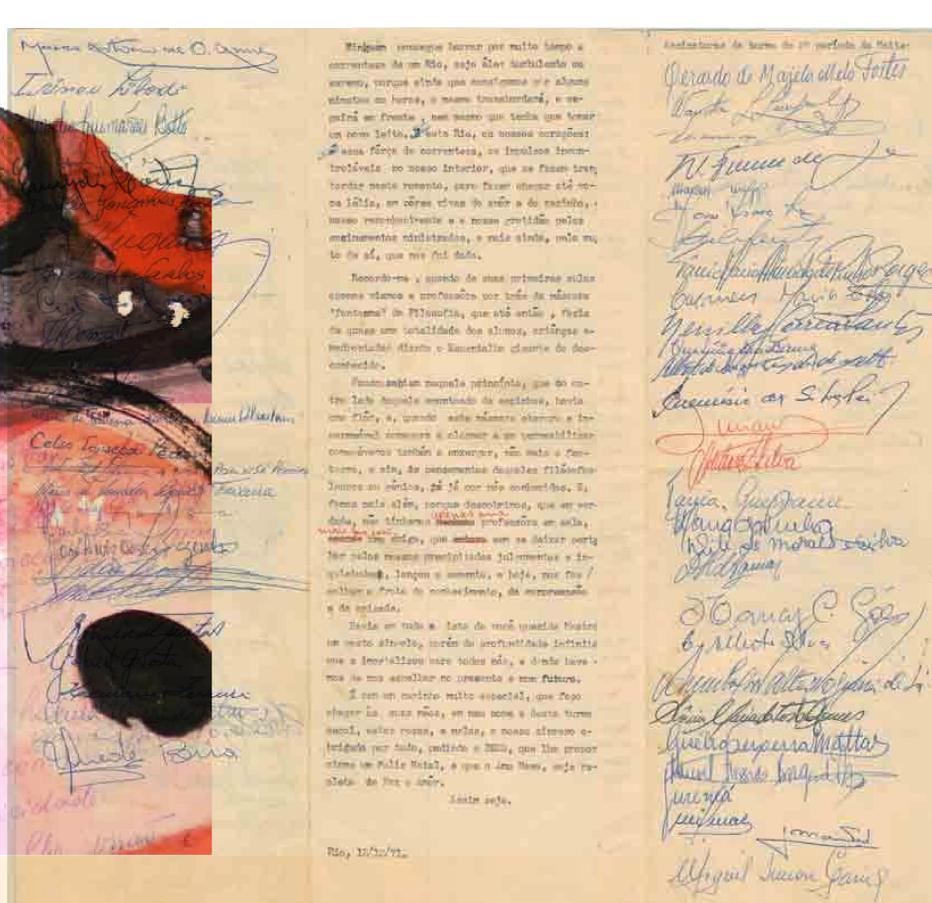


Laços de família: também no Rio de Janeiro a alegria da chegada de Rubens, terceiro filho de sua irmã mais velha Dora.

Lélia tornou-se a segunda mãe do sobrinho a quem chamava carinhosamente “Manéu”.



Jayme: bom de bola | Acervo REDEH



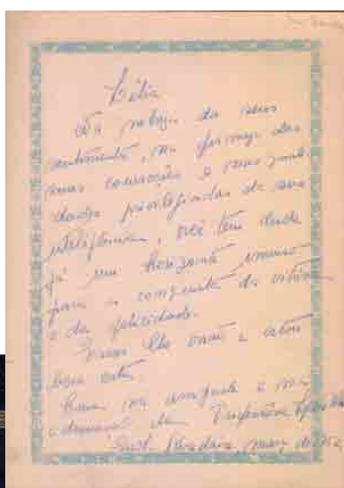
Em 1946, Lélia iniciou o ginásio na Escola Técnica Rivadávia Corrêa, diplomando-se em 1951. Recordações deste tempo podem ser lidas em seu Diário de Lembranças.

Professora Lélia, 1971. A atuação no nível superior continua dando frutos, como a homenagem prestada por uma de suas turmas de História da Filosofia | Acervo Lélia Gonzales



Na antiga Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Lélia em 1958, aos 23 anos, torna-se bacharel em História e Geografia, e em 1962, bacharel em Filosofia | Acervo Lélia Gonzales

4 PASSO A PASSO DE UMA LONGA TRAJETÓRIA ACADÊMICA...



Formatura no ginásio: Colégio Rivadávia Corrêa, 1951 | Acervo Lélia Gonzales



No Diário de Lembranças da adolescente Lélia, em 1951, o reconhecimento a sua capacidade intelectual e a certeza de um futuro promissor, registrado nos depoimentos de professores/as do Colégio Rivadávia Corrêa | Acervo Lélia Gonzales



No tradicional Colégio Pedro II, no Centro do RJ, uma sólida formação no curso científico, concluída em 1954 | Museu da Imagem e do Som-RJ



Golpe de Estado: Em 31 de março de 1964 os militares tomaram o poder. Tem início 20 anos de ditadura no Brasil. Período de tortura, silêncio e exílio para muitos dos que eram contrários ao regime | Arquivo/CPDOC/IB

5

1964: LÉLIA SE TORNA GONZALEZ E O BRASIL UMA DITADURA

No dia 31 de março de 1964, foi instaurada a ditadura no Brasil. Com os militares no poder, a liberdade de expressão foi totalmente cerceada. Nesse contexto, Lélia ministrava aulas de Filosofia em importantes colégios do Rio de Janeiro e promovia grupos de reflexão filosófica em sua casa no bairro da Tijuca, sobre Simone de Beauvoir, Althusser e Karl Marx, dentre outras/os, que aconteciam escondidas do regime. A essa altura, Lélia já era amiga de Januário Garcia, vizinho, amigo e parceiro de militância para a vida toda. Ainda neste ano, Lélia se torna Gonzalez oficializando sua união com Luiz Carlos, quem conheceu na Faculdade de Filosofia.

Em 1965, o suicídio de seu marido trouxe à tona o que veio a ser sua bandeira de luta no movimento negro: a especificidade da mulher negra. A precursora do feminismo negro no Brasil.



Casamento em 1964. Lélia e Luiz oficializam a vida que levavam em comum. Conheceram-se cerca de dois anos antes, como estudantes da Faculdade de Filosofia da UEG. Luiz suicida-se em 1965 | Acervo Lélia Gonzalez

“Quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso ‘democrático racial’ veio à tona e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de ‘concupinagem’ porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco (...)”.

Lélia em entrevista ao Jornal Pasquim, 1986



Tornando-se negra: Ao longo da década de 1960, através do próprio corpo, foi assumindo sua identidade de mulher negra | Acervo Lélia Gonzalez

“(…) como resultado do discurso pedagógico brasileiro, na Faculdade eu já era uma pessoa de cuja perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. (...) após o suicídio do meu marido, eu parti pra minha negritude, pra minha condição de negra. Comecei a verificar que a grande ilusão da ideologia do branqueamento é o negro pensar que é diferente dos outros negros. (...)”.

Lélia Gonzalez



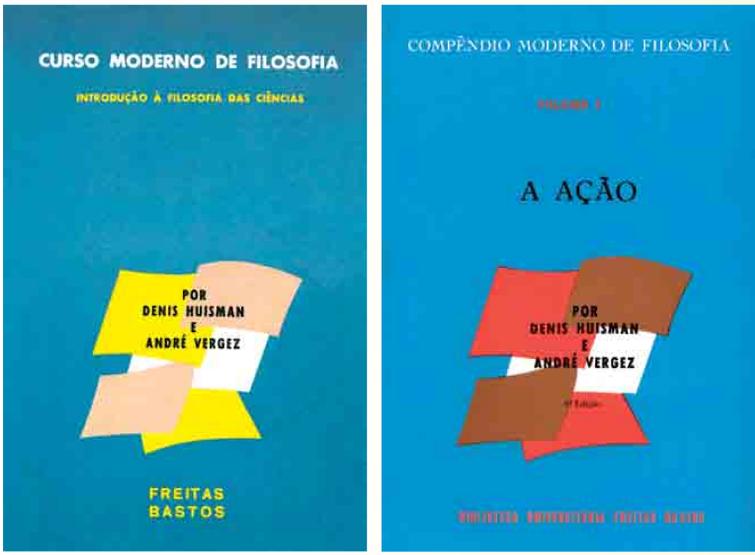
Em 1965: Lélia na casa de uma aluna no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, RJ | Acervo Lélia Gonzalez

Falar do Sr., antes de tudo, é falar do 2º país de maior popul. negra, depois da Nigéria. E falar de 1 país que, apesar das tentativas em contrário, é culturalmente negro. Pq?

— a língua falada (atenção p/ a distinção entre língua e fala, de Saussure) : português. Pq e cp? Os valores da língua senhorial que se estabelecem no Sr. Sit. da 2 br. (3 vezes mais caro do que em outros países); e o pagamento p/ os seus privilégios DE LÉLIA... A p/ Toda a sua sexualidade e da maternidade



Lélia: no meio dos livros, se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações | Acervo Lélia Gonzalez



Primeiras Publicações: Em 1964 e 1966 traduzindo filosofia do francês para o português | Acervo Lélia Gonzalez

A negritude da mulher brasileira em prosa e verso... Várias histórias retratadas em uma única. Nesse artigo, Lélia narra a vida de uma menina negra e pobre do interior do Brasil que migra com a família para uma grande metrópole.

REPORTAGEM

Feminismo

Mulher negra: um retrato

...a vida cotidiana de uma mulher negra... a luta por direitos... a resistência...

Um time completo de marginais

Queda de Braço

Uma antologia de contistas mal comportados, danados, lampiônicos, satíricos, bêbados, transgressos e nem um pouco deslumbrados, organizada por Glaucio Matoso e Nilton Maciel.

C\$ 120,00

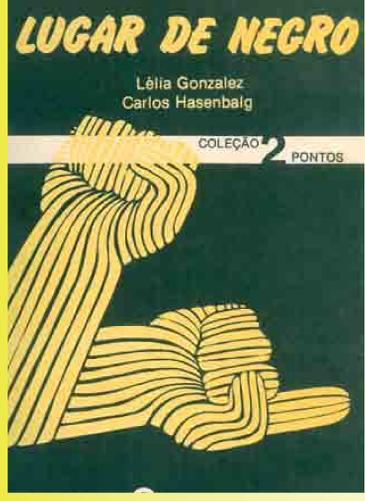
Publicada pela Revolução Postal e Editora - Editora de Livros, Jornais e Revistas Lélia. Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro - RJ

LAMPião da Esquina

1979: Jornal Lampião da Esquina, instrumento de resistência à censura imposta pelo governo militar. Rio de Janeiro, RJ | Acervo Lélia Gonzalez

Ao concluir a faculdade (1958), Lélia lecionava em diferentes instituições particulares e no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A partir da década de 1960, o seu interesse pela Filosofia se acentuou, traduzindo para o português, alguns volumes da coletânea Compêndio Moderno de Filosofia, de autores franceses.

Já no final da década de 1970, a condição da mulher negra na sociedade brasileira tornou-se seu principal foco de luta e análise nos movimentos negro e feminista, culminando com a publicação de Lugar de Negro, em parceria com Hasenbalg, em 1982, e Festas Populares no Brasil, em parceria com Hasenbalg, em 1987.



1982: Em parceria com Carlos Hasenbalg. Buscando outras perspectivas de análise sobre o negro na sociedade brasileira | Acervo Lélia Gonzalez



1987: Lélia escreve o texto de Festas Populares no Brasil. Obra premiada na categoria “os mais belos livros do mundo”, Feira de Leipzig, Alemanha, 1989 | Acervo Lélia Gonzalez



Ação do MNU - Zumbi está vivo - Ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, 1983 | Acervo IG/Foto Januário Garcia

7 NA PRÓPRIA PELE. O DESPERTAR PARA A LUTA ANTIRRACISTA E FEMINISTA



Redesenhada a partir do original



Lélia a lápis. Homenagem rabiscada, em 1979, por Mario Floricio | Mario Floricio / Acervo Lélia Gonzalez

Década de 1970. Em um contexto no qual o Brasil vivia o milagre econômico e a América do Norte o movimento Black Power, Lélia Gonzalez assumia a sua condição de mulher negra, militando em diferentes organizações de denúncia e enfrentamento ao racismo. Uma mulher comprometida politicamente com a dignidade da sua gente.

“Nessa hora encontro uma Lélia muito mais negra: assumida e com cabelo black. Toda aquela gana de seriedade e exigência se exacerbou! Ela incomodava a todos, por uma consciência negra”
Ana Maria Felipe, amiga e comadre de Lélia

Na primeira metade da década de 1970, Lélia integrou o grupo de intelectuais e artistas negros que se reuniam no Teatro Opinião, em Copacabana, Rio de Janeiro. O teatro de resistência e protesto surgiu após o fechamento do Centro Popular de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1964, durante o regime militar. No Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), fundado em 1973 por José Maria Nunes Pereira, Lélia participa de reuniões que, dentre outros assuntos, discutiam as relações diplomáticas Brasil e África.



Atentado militar contra o Teatro Opinião, 1968 | Agência O Globo



Na sede do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), fundado em 8 de junho de 1975, Lélia acompanha um dos grupos dissidentes do Teatro Opinião. Bairro da Lapa, Rio de Janeiro | Acervo REDEH / Foto Antonia Ceva



8

DISCÍPULA DE LACAN E FILHA DE CANDOMBLÉ



Discípula de Lacan. Um “encontro” com Lacan e consigo mesma. Lélia tornou-se uma apaixonada pela psicanálise de Jacques Lacan | BOTTI / Gamma-Rapho via Getty Images



Cartão Postal, 1979. Filha de Oxum. No candomblé, um mergulho nas suas origens de mulher negra |

Acervo Lélia Gonzalez



Presença na fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (CFRJ) e coordenação do Setor de Leitura de Freud | Acervo Lélia Gonzalez

“No momento em que você se choca com a realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora que aí está, a sua cabeça dá uma dançada incrível. Tive que parar num analista, fazer análise e a análise nesse sentido me ajudou muito. A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé (...). Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes (...).”

Lélia Gonzalez, 1980

A PSICANÁLISE E O CANDOMBLÉ: SE RECONCILIANDO CONSIGO MESMA

Início dos anos 1970. Lélia se aprofundou nos estudos de Jacques Lacan, psicanalista francês e seguidor de Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Foi uma época, para ela, de contestação do processo de “embranquecimento”, consequência de sua formação acadêmica. A necessidade de resgatar suas origens e ancestralidade a levaram à psicanálise e ao candomblé, religião de matriz africana.



Traduz, em 1976, “Freud e a Psicanálise” de Octave Mannoni | Acervo Lélia Gonzalez

TRILHOS E TRILHAS DE UMA VIDA!



O candomblé e a psicanálise. Outros sentimentos para enxergar um mundo de altos e baixos para aquelas que, além de mulheres, eram negras. Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia e outras lideranças negras foram testemunhas do gesto de Abdias do Nascimento, que beijou a terra de Palmares, em homenagem aos/as muitos/as guerreiros/as quilombolas que viveram, lutaram e foram massacrados em 1695 | Acervo IGO/Foto Januário Garcia

“Aqui, nas Alagoas, um grupo de mulheres de diferentes Estados preparou-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares. (...) E, lá no alto da Serra, ficamos pensando nas palmarinas, que preferiram matar os próprios filhos e se suicidarem em seguida, para não se deixarem escravizar”.

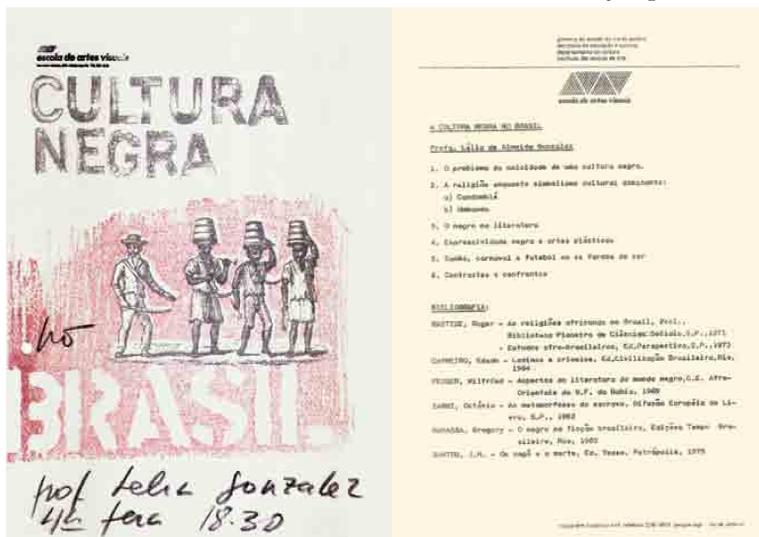
Lélia Gonzalez, 1981



Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas 1981 | Acervo IGO/Foto Januário Garcia

9 MANIFESTAÇÕES NEGRAS COMO ELEMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

Em curso: A cultura como elemento de conscientização política.



Proposta do curso de Lélia na EAV: A africanização da cultura brasileira | Acervo Lélia Gonzalez

Em 1976, Lélia redimensionou sua militância política e atividade docente.

Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, ministrou o 1º. Curso de Cultura Negra do Brasil.

Para ela *“a formação cultural brasileira não poderia deixar de considerar o tripé que lhe deu origem e que, portanto, era o seu suporte: a cultura africana, indígena e europeia. (...) No entanto, enfrentamos o problema de que as manifestações dos negros e dos indígenas são classificadas como ‘folclore’ e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas”.* Lélia Gonzalez, 1983.

“Quando soube da escolha do tema, me dei conta da responsabilidade que tenho enquanto militante negra”.

Lélia Gonzalez, 1978

Pensar a cultura brasileira como elemento de conscientização política tornou-se, a partir de então, uma de suas bandeiras de luta no movimento negro.



Para comemorar os “90 Anos da Abolição no Brasil”, Lélia foi a inspiração do compositor e intérprete Candeia | Acervo Lélia Gonzalez

Reunindo artistas, como Zezé Mota, a EAV tornou-se um dos maiores espaços político-cultural da Cidade Maravilhosa | Acervo Lélia Gonzalez



Escola de Artes Visuais (EAV), Parque Lage, Rio de Janeiro. Sede do 1º Curso de Cultura Negra do Brasil, 1976 | Elizabete Braga



Lélia, Benedita da Silva, Jurema Batista e outras lideranças negras em ação no Nzinga. Morro do Andaraí, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



10 1980: UMA GUERREIRA NZINGA E UM BOM CONSELHO

A década de 1980 começou com grandes reordenamentos políticos no Brasil. Com a abertura política, em 1979, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que sustentava o regime militar, foi rebatizada de Partido Democrático Social (PDS) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) tornou-se Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Nessa efervescência, Lélia e outras lideranças negras femininas, dentre elas: Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, e outras companheiras fundam, em 1983, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, nome em homenagem a uma rainha africana nascida no século XVI na atual Angola.



Campanha do CNDM. Diga não à Violência Contra a Mulher. Brasília, DF, novembro de 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER (CNDM)



Posse da Primeira Presidenta do CNDM, Ruth Escobar. Brasília, DF, 1985 | AN Brasília/Foto Guilherme Romão



Em 1985, Lélia, Rose Marie Muraro, Ruth Cardoso, e outras feministas, foram nomeadas Conselheiras do CNDM. Brasília, DF | AN Brasília/Foto Guilherme Romão

DO BRASIL...

... PARA O MUNDO

11

A MILITÂNCIA

ROMPE

FRONTEIRAS:

A ARTICULAÇÃO

DE LÉLIA COM

O MOVIMENTO

NEGRO

INTERNACIONAL

Navegando rumo à África e suas origens de mulher negra | Acervo Lélia Gonzalez

Nos anos 1980, em um cenário de redemocratização da sociedade brasileira, os movimentos de resistência social “re” surgem com reivindicações próprias, dentre eles, o movimento feminista e o movimento negro. Lélia Gonzalez já era uma voz respeitada dentro da militância, tendo em vista suas convicções, seriedade e conhecimentos teóricos. A partir de então, intensificou o diálogo com lideranças internacionais negras, como Angela Davies, Annie Chambers, Aimé Césaire, Carlos Moore dentre outras. A verdadeira situação da mulher negra brasileira, através de Lélia, passou a ser conhecida nos quatro cantos do mundo.



Evento promovido pela ONU, Resource Person. Viena, Áustria, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez



Pé na África, finalmente. Primeira viagem ao continente negro, com o amigo cubano Carlos Moore, Dakar, Senegal, 1978 | Acervo Lélia Gonzalez



Simpósio em Apoio à Luta do Povo da Namíbia por sua Autodeterminação e Independência. San José, Costa Rica, 1983 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia e Benedita da Silva. Dakar, Senegal, 1986 | Acervo Lélia Gonzalez



Com o poeta antilhano Aimé Césaire. Miami, Estados Unidos, 1987 | Acervo Lélia Gonzalez



Seminário 1985 & Beyond. Baltimore, Estados Unidos, com Angela Davies, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez



Um outro modelo de desenvolvimento com as Mulheres. Dakar, Senegal, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez



Campanha Eleitoral, 1982. Candelária, Rio de Janeiro. Palco de caminhadas e grandes manifestações populares | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Vestindo a camisa do PT, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Na efervescência da década de 1980, Lélia tornou-se Membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1982, candidatou-se à Deputada Federal pela legenda do PT, alcançando a primeira suplência. Sua campanha política priorizou os direitos das mulheres, dos negros e dos homossexuais.

13

LÉLIA TOMANDO PARTIDO

Por questões ideológicas, desligou-se do PT, em 1985.

No ano seguinte, possivelmente influenciada por Abdias do Nascimento, filiou-se ao PDT e candidatou-se à Deputada Estadual.



Lélia em cartaz. Caminhada pelas ruas do Centro Histórico do Rio de Janeiro, RJ, 1982 | Acervo JG/Foto



Paz & Amor. Lélia distribuindo flores aos eleitores, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Com o sobrinho/filho Rubens. Uma força fundamental na campanha, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

A mulher na Assembléia

PDT

LÉLIA GONZALES

Por uma sociedade justa, igualitária e democrática

Para Deputada Estadual

LÉLIA GONZALES

LÉLIA GONZALES

Deputado Estadual (PDT)

Lutas Prioritárias:

- Pela organização da comunidade negra na conquista efetiva de seus direitos de cidadania individual;
- Contra toda forma de violência e opressão praticadas em relação à mulher;
- Contra toda forma de violência e discriminação social ou salarial por motivo de raça ou sexo;
- Pelo respeito às opções sexuais dos indivíduos;
- Por uma reforma agrária e urbana efetivas;
- Por uma política econômica sem concentração de renda, sem arrocho salarial e sem desemprego;
- Pela livre organização das classes trabalhadoras;
- Por uma reforma educacional que garanta ensino gratuito e democrático, respeitando a cultura nacional;
- Pelo rompimento de relações com a África do Sul.

Filha de mãe índia e pai negro ferroviário, Lélia Gonzales graduou-se em História e Filosofia. Fez ainda pós-graduação em Comunicação e Antropologia, com cursos livres em Sociologia e Psicanálise.

Professora com longa experiência de trabalho em escolas, colégios e universidades, Lélia Gonzales é, atualmente, professora de Cultura Popular Brasileira e de Proxemia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

É também fundadora do Movimento Negro Unificado e Vice-Presidente Cultural do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

É membro do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e do Conselho Diretor da Sociedade Internacional para o Desenvolvimento, com sede em Roma.

Primeira mulher negra a sair do país para divulgar as condições em que vive a mulher negra brasileira. Vice-Presidente do 1º e 2º Seminários da ONU sobre "A Mulher e o Apartheid" (Montreal-Canadá e Helsinque-Finlândia, 1980). Representante brasileira no Fórum da Meia Década da Mulher (Copenhague-Dinamarca, 1980). Convidada Especial da ONU para a conferência sobre "Sanções contra a África do Sul" (Paris-França, 1981). Representante brasileira no seminário "Um Outro Desenvolvimento com as Mulheres" (Dakar, Senegal, 1982). Representante brasileira no Fórum de Encerramento da Década da Mulher (Nairóbi-Quênia, 1985).

Eleita "Mulher do Ano" pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em 1981. Lélia Gonzales redigiu artigos e livros sobre as condições de exploração e opressão do negro e da mulher.

Para Vice-Governador

CIBILIS VIANA

No PDT. Cartaz da Campanha, 1986 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Salve Zumbi! 20 de novembro de 1988 | Acervo JG/ Foto Januário Garcia.

14

CEM OU “SEM” ANOS DE ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

“(...) Zumbi, herói nacional, foi liquidado pela traição das forças colonialistas, o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas.

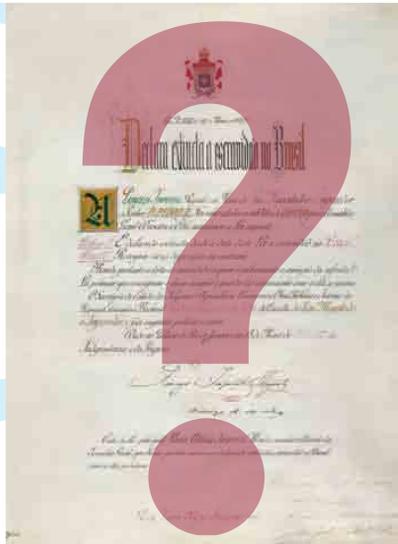
As nossas crianças não sabem, e quando eu falo de nossas crianças, tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros (...).”

Discurso de Lélia Gonzalez na Marcha Negra, 1988



Movimento Negro Contra a Farsa da Abolição. Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

O ano de 1988 foi marcado por comemorações, protestos e conquistas do movimento negro brasileiro. A carta constitucional foi aprovada. Desde então, a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei (art. 5º. XLII). Também, aos remanescentes de quilombos que estivessem ocupando suas terras, foi reconhecida a propriedade definitiva, de acordo com o art. 68º da Constituição Federal Brasileira. Atualmente, mais de 1500 comunidades quilombolas espalhadas pelo território nacional estão certificadas pela Fundação Palmares.



Lei Áurea. “Botando a boca no trombone” parte dos protestos contra “A Farsa da Abolição” | Acervo JG/ Foto Januário Garcia.



Forças Militares “Fiscalizando” a caminhada Contra a Farsa da Abolição, 1988 | Acervo JG/ Foto Januário Garcia.



Nos anos 1990, Lélia priorizou as atividades acadêmicas. Em entrevista concedida ao Jornal do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1991, fez uma autocrítica por ter “mergulhado de cabeça” na militância, deixando sua vida pessoal em segundo plano.

Após voltar de sua última viagem à África, passou a enfrentar problemas de saúde. Empossada diretora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, em 30 de maio de 1994, atuou até falecer em 10 de julho do mesmo ano.



Dakar, julho de 1979 | Acervo Lélia Gonzalez

15 COMO CANGIRAUÉ*, LÉLIA FOI PARA O ORUM*

“(...) eu vejo meu próprio caso. É uma autocrítica o que eu estou fazendo também. Eu achava que tinha que estar em todas (...) agora eu estou catando os pedaços para poder seguir minha existência...”.

Lélia Gonzalez ao Jornal MNU, maio/junho/julho de 1991



10 de julho de 1994. Como cangiraué (passarinho), Lélia foi para o Orum (mundo dos espíritos) | Acervo Lélia Gonzalez

*cangiraué = passarinho, palavra de origem africana utilizada pelos remanescentes quilombolas de Milho Verde, Minas Gerais. (In. Minas de Quilombos, 2008, Redeh)

*orum = mundo dos espíritos habitado pelos orixás, palavra de origem africana utilizada no candomblé.



Entrevista ao Jornal do MNU | Jornal MNU/Acervo Lélia Gonzalez

ALGUMAS HOMENAGENS:



Lélia em cartaz | Acervo Januário Garcia



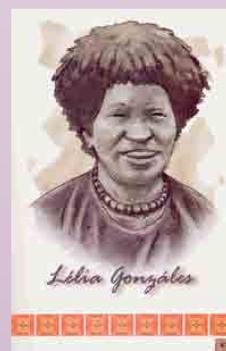
Ratts e Rios, 2010. Um tom mais acadêmico para traduzir Lélia Gonzalez

| Acervo REDEH

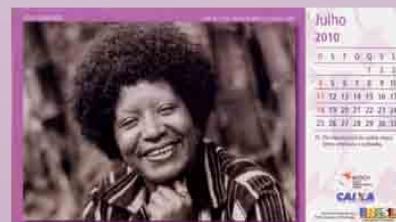


Em 2003, a amiga Ana Maria Felipe cria o site: www.leliagonzalez.org.br

| Acervo Memorial Lélia Gonzalez



Yoté: o jogo da nossa história, MEC/SECADI, 2010 um jogo pedagógico para as escolas | Acervo REDEH



Lélia no calendário Mulheres no palco da história, 2010/2011

| Centro de Memória Mulheres do Brasil / REDEH



Concedido pela Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (CUT/Rio) às mulheres negras trabalhadoras

| Marco Szatyn/CUT Rio

16

A HERANÇA DEIXADA POR SUA MILITÂNCIA PARA O SÉCULO XXI



“(...) nós somos os despossuídos deste país. As classes trabalhadoras, os setores oprimidos, como a mulher e o negro, temos que ir à luta, tranquilamente, pois nós não temos nada a perder. Chega de mordalha em cima da gente; chega de canga sobre o pescoço. É hora de nós nos levantarmos para fazer uma sociedade justa, democrática, pois democracia significa reconhecer e respeitar as diferenças”.

Lélia Gonzalez, 1983



Coleção particular Ana Maria Felipe

“(...) ‘vi’ aquele facho de luz diante da turma, numa aula de história em um colégio estadual em Bonsucesso. Naquela hora, Lélia não sabia seu significado para a humanidade, para a ancestralidade”

Ana Maria Felipe



Leonardo Aversa / Agência O Globo

“Eu não sabia nada sobre candomblé (...). Quando saí pelo mundo para divulgar Chica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia”.

Zezé Motta



Coleção Particular Jurema Batista

“Sempre quando penso em Lélia, me vem aquele sorriso escancarado de quem, apesar das dificuldades vivenciadas pelo preconceito racial e de gênero, tinha tanto orgulho de ser mulher e negra”

Jurema Batista



Coleção particular Nilma Bente

“Lélia guerreou, trabalhou, amou, estudou, participou, rompeu obstáculos, viveu para enfrentar o racismo e o sexismo vigentes em nossa sociedade”

Nilma Bentes



Acervo REDEH/Fotografia de Rauf Taulle

“(...) foi uma intérprete do Brasil da ótica da gente negra e das mulheres. (...) Lélia tem um lugar especial no coração e na ação política das mulheres, negros, essas maiorias silenciadas, mas não silenciosas que, como ela, vêm reescrevendo a história do Brasil”

Sueli Carneiro



Coleção particular Elizabeth Viana

“(...) Lélia elaborou uma reflexão histórica de como o ‘povo brasileiro’, o ‘povo negro’, a ‘mulher negra’ constituíram-se personagens de outra história”

Elizabeth Viana



Acervo SECOM / Elói Corrêa

“Conheci Lélia Gonzalez quando entrei para o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979. Ela era membro da Comissão Executiva Nacional, e a todos surpreendia pelo comportamento ousado, a risada de corpo inteiro, o linguajar popular, bem ao modo do falar carioca, salpicado de expressões acadêmicas...”

Luiza Bairros

2004. UMA CARTA PARA TI, LÉLIA GONZALEZ: SAUDADES DE QUEM NÃO TE CONHECEU.

“Aprendi com você que não sou apenas negra, mas amefricana (...) estudando sobre a sua vida, pude perceber que a nossa luta é muitas vezes solitária. Mas (...) somos muitas porque carregamos dentro de nós as nossas ancestrais e a esperança de outras mulheres negras”

Raquel de Andrade.

Capa Revista Eparrei, 1º semestre 2003 | Acervo REDEH/Foto Januário Garcia



Lélia Gonzalez, festa do Bonfim, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez